

Joelson Ferreira de Oliveira

**TERRA VISTA, TERRA-MÃE:
EXISTÊNCIA GRANDIOSA
NO CAMPO**

CADERNO DE LEITURAS n. 111

POLÍTICAS DA TERRA

Nota dos editores

Este texto resulta da transcrição de uma aula ministrada por Joelson Ferreira de Oliveira, na disciplina Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais: Políticas da Terra, ofertada à graduação da Universidade Federal de Minas Gerais como parte do Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais.

A aula, realizada no dia 25 de outubro de 2018, pode ser acessada aqui: tinyurl.com/aulamestrejoelson. Complementamos algumas passagens a partir de um retrato em vídeo que fizemos com Joelson e que está disponível neste link: tinyurl.com/retratomestrejoelson.

Joelson Ferreira de Oliveira

TERRA VISTA, TERRA-MÃE: EXISTÊNCIA GRANDIOSA NO CAMPO

Meu nome é Joelson, sou da Teia dos Povos, moro no Assentamento Terra Vista, no sul da Bahia, a 100 km de Ilhéus, próximo de Camacan, uma cidade que tem o nome de uma ave e de um povo — o povo Kamacã — que foi praticamente dizimado. Eu e Solange¹ moramos no Assentamento Terra Vista e estamos, há dezoito anos, fazendo por lá a transição agroecológica.

Vim aqui não para dar aula, mas no intuito de criarmos uma roda de diálogo. Estabelecer um diálogo, aprofundar questões que o momento nos pede. Além de trabalhar numa grande roda de diálogo, é importante mostrar o que fazemos, o que estamos fazendo, construindo. Para que, a partir daí, o diálogo continue. Aprendemos com vocês, vocês aprendem com a gente, será uma troca importante. Nós da Teia dos Povos entendemos isso: que agora é preciso muito diálogo, trocar muitas informações para construir uma rede de povos e buscar um caminho mais sólido na construção de uma sociedade verdadeiramente humana. O momento nos pede muita capacidade de dialogar, aprofundar e conhecer, para se construir uma aliança, uma aliança dos povos. Seja estudante, seja professor, indígena, quilombola, sem-terra, pequenos agricultores, precisamos construir uma grande aliança, para que possamos fazer, de fato, as mudanças que estão para ser feitas há quinhentos e vinte anos.

O Assentamento Terra Vista é fruto da luta do Movimento Sem Terra. Tenho trinta anos no MST. Sou fundador do Partido dos Trabalhadores e da Central Única dos Trabalhadores. A luta do

1 [N.e.] Solange Brito Santos participa da Coordenação do Assentamento Terra Vista e dividiu com Joelson a disciplina *Políticas da Terra*.

Assentamento Terra Vista veio para melhorar a consigna do MST, que era, na época, “ocupar e resistir”. Com a pressão da União Democrática Ruralista, dos latifundiários e do Estado, nós precisamos mudar essa palavra de ordem para “ocupar, resistir e produzir”. Foi aí que, em 1992, nós ocupamos a Fazenda Bela Vista, que se transformou no Assentamento Terra Vista.

A discussão da ocupação começou depois que Lula perdeu as eleições em 1989. Inicialmente, havia uma ligação muito forte com a Igreja Católica, o que colocava um impedimento: a Igreja Católica achava que nós devíamos ficar acampados na beira da estrada, esperando os governos desapropriarem as terras, para não gerar violência. Fazíamos grandes acampamentos e ficávamos ali, um ano, dois anos, três anos, esperando o governo desapropriar a terra. E isso nunca acontecia. Nós nos reunimos, discutimos e dissemos: “não, precisamos criar conflito.” Em 1988, foi na Bahia, o início do conflito de luta pela terra. Então, Bela Vista, nós já ocupamos a fazenda, ao invés de ficar na beira da estrada esperando. Com três meses, fomos despejados. Tornamos a sentar e discutir. Nós agora precisamos enfrentar o governo, enfrentar o Estado, os meios de comunicação e enfrentar a UDR. Como nós vamos fazer isso? Não dá para enfrentar a polícia no ferro. Nós temos que enfrentá-la com massa, com gente. Foi quando elaboramos a tática das crianças e das mulheres irem na frente e os homens ao lado, com as foices. Fizemos o enfrentamento de massa. Já os pistoleiros, nós enfrentamos na bala, não teve conversa. Eles vinham armados de noite para despejar a gente, nós enfrentávamos armados também. Enfrentamos e os derrotamos. Em relação aos meios de comunicação, nós passamos também a trabalhar a comunicação para confrontá-los. O Estado, nós enfrentávamos em massa e fazendo denúncia, fazendo apelo. Tentávamos desmoralizar a Polícia Militar de várias formas, mas nunca enfrentá-la, porque não tínhamos cacife para isso.

Em 1988, nós ocupamos a Fazenda Corumbau e estabelecemos a primeira aliança com os indígenas. Conquistamos Corumbau e

trabalhamos a resistência, o que nos deu o prêmio de melhor grupo e melhor resistência de massa no Encontro Nacional do Movimento. A UDR e os meios de comunicação passaram então a nos atacar de outras formas. Diziam que éramos preguiçosos, ladrões de terra, vagabundos, tudo o que não presta. Aí, em 1989 — estávamos diante da Queda do Muro de Berlim — começamos a discutir. Como vamos resolver essa discussão do coletivo e do individual? Como vamos trabalhar a questão da propriedade da terra? Do final de 1989 até os anos 1990, nós debatemos a criação de cooperativas, o movimento cooperativista, estudamos muito o movimento da Tchecoslováquia, da União Soviética, da China... Em 1992, começamos a praticar o que aprendemos com essas discussões e estudos. Nós estávamos restritos ao extremo sul e percebemos que precisávamos avançar o movimento dos sem-terra por toda a Bahia, para sair da linha de tiro da UDR e do Estado. Deslocamos uma boa parte da militância do MST para Itabuna e de lá organizamos vinte e tantos municípios. Havia trezentos e sessenta famílias que, no dia 8 de março de 1992, para homenagear as mulheres, ocuparam a fazenda Bela Vista. Quando a gente chegou lá, a fazenda era de três herdeiras, mulheres, que moravam na Vieira Souto, no Rio de Janeiro. Eram donas da terra, do espólio de Elias Cavanhaque, um coronel da região. Foram contradições que chamaram atenção: a data da ocupação foi escolhida para homenagear as mulheres; a fazenda era de três mulheres e eu estava no espírito de vingar minhas duas avós. Foi um processo muito intenso de luta nosso, do MST. Luta e caminhada: de Itabuna a Salvador, nós viemos aqui para o Vale do Aço, fomos para Brasília a pé. Até que conquistamos a terra.

Nós ocupamos a fazenda com trezentas famílias. Depois da luta, após cinco despejos, sobraram vinte e oito famílias. Hoje, estamos com cinquenta e cinco famílias no assentamento. São novecentos e treze hectares, trezentos e treze hectares de Mata Atlântica preservada, duzentos hectares de cacau cabruca, e uns cem hectares de

pasto para criação de gado. Tem ainda a piscicultura, com 7,5 hectares de lâmina d'água.

O Assentamento Terra Vista é diferente de muitos outros. Lá, a divisão da terra não é pelo quadrado burro do Incra. A divisão é pelo trabalho: quem trabalha mais tem mais terra, quem trabalha menos, tem menos. As famílias que queriam vinte e cinco hectares de terra foram deslocadas para outra área e ali permaneceram aquelas que queriam a divisão da terra pelo trabalho. O Assentamento hoje conserva e cuida da individualidade e cuida também do processo coletivo. Estão entrelaçados. Para nós, essa parece ser a melhor forma: respeitar a individualidade e cultivar o coletivo. Tem coisas que o indivíduo não faz, só com o coletivo é possível fazer.

Solo sadio, planta sadia, gente sadia

Atualmente, no Assentamento, nós estamos fazendo a transição agroecológica. Essa virada veio porque, quando entramos com a proposta de ocupar, resistir e produzir, mantínhamos ainda uma concepção capitalista: nós entramos numa terra boa, perto dos grandes centros e da rodovia (BR 101). Estrategicamente, o Assentamento é uma terra maravilhosa. Mas, havia um problema, estávamos ocupando terras marginais e, como disse, a UDR, o Estado e a mídia vinham pra cima, nos acusando de ladrões de terra, de vagabundos, essas coisas que falam até hoje sobre a gente. A Rede Globo aparecia só para ver sangue...

De 1994 a 1999, nós ficamos insistindo no processo de agricultura convencional, para ser grandes produtores, na ilusão de que cabíamos no capital. Ficamos naquela confusão, prejudicando a terra com adubo químico, pesticida, e, cada vez mais, nossa agricultura dava pra trás. Em 2000, nós quebramos e passamos a entender que não cabemos dentro do capitalismo. O capitalismo não nos quer.

Iniciamos, então, com uma pequena horta, o trabalho que Ana Primavesi nos ensinou. Lemos um livro dela, em que ela diz: “um solo

sadio, uma planta sadia e gente sadia". Movidos por esse mantra, a gente começou a trabalhar. E Confúcio disse: "faça uma boa ideia para os olhos do mundo, para os ouvidos do mundo e ela, por si só, se transforma em milhões". Com esses dois ensinamentos, começamos a transição agroecológica, na qual estamos até hoje.

Esse processo se deu por necessidade: em 1999, nós quebramos e não tinha mais nada, ninguém acreditava mais em nada. Havíamos feito todos os esforços na agricultura convencional e não chegamos a lugar nenhum. E agora, o que fazer? Esse recomeço foi muito difícil, foi mais difícil do que ocupar a terra, sofrer os cinco despejos que nós sofremos. Recomeçar. Porque você tinha um agrupamento de pessoas, setenta e cinco famílias (havíamos recuperado algumas famílias que tinham abandonado a luta) que estavam totalmente descredenciadas e divididas. Um sofrimento muito grande.

Foi preciso vencer a descrença dos próprios trabalhadores e, nisso, os ensinamentos de Confúcio foram muito importantes. Começamos pela horta; ali, fizemos um pomarzinho, reflorestamos, e depois fomos para o cacau. Pegamos uma área de um hectare e meio, por onde passavam duas estradas, por onde todo mundo passava, e quando nós fizemos a primeira experiência, o comentário no Assentamento foi: "Acabaram com a roça de cacau, esses caras estão doídos". Teve uma série de comentários... Quando começamos a melhorar o solo e o solo foi respondendo, as plantas foram respondendo, foi crescendo a produção, os comentários mudaram: "Olha, parece que tá dando certo mesmo, a coisa está ficando bonita..." Quando a roça entrou em um processo de produção verdadeiro, aí todo mundo começou a olhar: "Que coisa bonita, eu vou fazer lá na minha roça!" Depois disso, sem falar nada, sem mandar em ninguém, sem haver nenhuma coação, as pessoas triplicaram a produção de cacau. Hoje a gente se tornou referência para a região toda. Estudantes, agricultores, indígenas, todo mundo passa lá para ver a nossa experiência, para replicá-la. Nós agora apresentamos um projeto para recuperar duzentos mil hectares de cacau e implantar ali sistemas

agroflorestais. Estamos resgatando os mutirões. Ou seja, teve início um processo grandioso. E isso sem entrar nenhum recurso significativo de governo. Tudo com nossas próprias mãos e com exemplo.

Isso foi nos fortalecendo e agora nós estamos construindo a Teia dos Povos. Ela surge porque fomos entendendo que fazer todo esse trabalho sozinhos não adianta nada. Fica uma ilha de sucesso no meio da pobreza, o negócio não vai para lugar nenhum. A Teia não é um movimento, mas uma rede, uma teia, uma aliança entre povos e saberes. Aliança entre populações indígenas, pretas e populares. Por meio da Teia, buscamos construir a unidade dos povos, unidade na diferença.

Por exemplo, os povos originários e os povos pretos. Eles trazem uma imensidão de questões que, hoje, uma esquerda que quer a transformação precisa entender. É preciso entender os povos que estão aqui e construir a unidade entre eles. E também os intelectuais, os estudantes. A Teia, hoje, é um instrumento para apontar isso, apontar e exercitar essa necessidade.

O princípio, o meio e o fim

Graças à experiência da transição agroecológica, aos pouquinhos, fomos recuperando a credibilidade das famílias e estamos em um processo que ainda leva mais uns 20 anos para chegar no estágio que almejamos: ir além do capital no processo da luta pela terra, com experiências que façam realmente a gente se convencer a partir do nosso olhar, do nosso fazer, do nosso sentir. Eu acredito que o MST, os movimentos de luta pela terra, os povos originários, precisamos avançar na perspectiva de uma nova economia, baseada nos nossos saberes, nos conhecimentos dos nossos ancestrais e também nos conhecimentos novos, que venham para fortalecer essa ancestralidade.

Foi e ainda é muito difícil. Começamos então a entender o que era fundante, o que era princípio, o que era meio, para desenhar

um projeto finalístico nosso. Isso nos levou ao desenho: primeiro, a terra e o território. O princípio, o início. Em seguida, como existir nessa terra e nesse território? Fomos então perceber a importância das sementes crioulas, entender que precisamos nos qualificar em um outro modo de agricultura, e esse novo modo precisa ver a terra como mãe, ver os seres que estão na terra como parte do processo, perceber que nós não somos quase nada nesse processo. Precisamos ter um relacionamento com a floresta, com a água, com os alimentos, construir uma outra forma de ver a terra, diferente de como a víamos: não mais a terra como inimiga, que precisava ser destruída para a acumulação de bens, acumulação de riqueza. Quando a gente vai ver, isso não é riqueza, não é nada. Há outro tipo de riqueza.

Então não basta ter a terra e o território: é preciso construir a soberania alimentar, que é a existência. E, por fim, constituir renda, uma outra economia.

Terra e território

A primeira mudança diz respeito ao princípio, que está ligado à terra e ao território. Nós estamos muito atrasados. Os portugueses invadiram o Brasil, depois invadiram nossa mente e nossa alma. Agora somos um povo colonizado e precisamos fazer um trabalho para descolonizar o país, a nossa juventude, para que possamos construir um país de fato, com as heranças extraordinárias que passamos a negar.

Nós negamos a herança dos povos originários. Botaram até um apelido na diversidade de povos originários, que chamaram de índios. Nós negamos, nos fazem negar a grande contribuição da pátria mãe, da África, não é? Dos povos africanos. Nós negamos a miscigenação... Negamos tudo. Precisamos descolonizar para que possamos nos reafirmar como um povo, na perspectiva do futuro da humanidade. Nós temos esse poder. Temos pouca gente, muita terra, e

essa mistura que a gente fez de povos é algo importantíssimo para uma mudança em nível mundial. Há tarefas a cumprir.

Tudo o que a gente está fazendo tem uma longa história. Os povos originários estão aqui nessa terra há mais de dez mil anos. Nós estamos dando continuidade ao que fizeram nossos antepassados. Nada melhor do que honrar nossos antepassados, cuidar do que nos ensinaram para que possamos construir uma nova e futura sociedade. Se não temos passado, não temos presente e, não tendo presente, não teremos futuro. Nós começamos a entender que nossa luta vem da luta histórica dos povos originários. Sem a discussão da terra e do território, não é possível trabalhar a agroecologia.

Somos herança também dos povos da África. E, assim como os povos indígenas, os povos da África são muitos. Não é uma unidade, como muita gente quer que seja. Nem os povos indígenas, os povos originários, e nem os povos que vieram da África. Os povos Bantu, que primeiro chegaram aqui, conseguiram construir uma relação muito profunda com os indígenas. Cada grande aldeia tinha, atrás, um quilombo, um quilombo que era protegido pelos índios. Há uma relação histórica profunda. Essa relação conseguiu unificar tanto a luta pela terra, a luta pela liberdade, quanto o sagrado. Há um cruzamento profundo entre as divindades e os conhecimentos ancestrais africanos e indígenas.

Depois, chegaram os povos de outras partes da África, partes onde viviam muçulmanos e aqueles que cultuavam os Orixás. A Revolta dos Malês foi muito importante nesse momento.² Quando chegaram aqui, esses outros povos foram obrigados também a lutar por liberdade, por terra e território.

A luta mais importante foi a luta Palmarina, não é? Não só para os povos pretos que viviam lá, mas para todos aqueles que lutaram por

2 [N.e.]: Uma das mais importantes revoltas negras no Brasil das primeiras décadas do Século XIX, a Rebelião Malê eclodiu em janeiro de 1835, em Salvador, tendo sido protagonizada por negros escravizados e libertos muçulmanos (em língua iorubá, "imalês").

liberdade, que tinham sede de liberdade. A república Palmarina foi a primeira república socialista do Brasil. Então, isso foi importante na luta, e nós somos fruto disso. Nós não somos outra coisa a não ser fruto disso. O MST, as Ligas Camponesas, estes e outros são movimentos que resgatam essas lutas. Nós não inventamos nada, só refizemos algumas coisas importantes, tendo em vista o momento histórico específico. Cada momento histórico é um, mas a origem, a origem da luta pertence aos nossos antepassados.

Compreender isso significa compreender o princípio da luta que é a terra, é o território. Significa entender também que há vários povos. Por isso, não é fácil o entendimento. As pessoas falam que nós somos divididos, mas não. É que são vários os povos e nós não tivemos a capacidade de compreender esses povos. Não compreendemos sua religião, não compreendemos sua cultura, não compreendemos suas relações e formas de ver as coisas. Cada um tinha uma forma de ver diferente e nós não tivemos capacidade de entender isso. Por isso, existe uma dificuldade grande em construir a unidade. Mas a diferença dos povos não é problema. É dentro dessa diferença, dentro dessa diversidade, que nós temos que construir a unidade, a unidade para luta, em defesa da terra e do território.

Tendo um princípio é possível construir outra perspectiva. Ao dizer isso não digo que os outros processos não sejam importantes. Eles são. Mas se nós não temos consciência do princípio, não temos nem o meio, nem o fim.

Reequilibrar as cidades

O Brasil tem muita terra e pouca gente. A população está toda concentrada nos grandes centros. Um grupo muito pequeno, reduzido, se apropriou da terra e jogou a população para os grandes centros. Primeiro, por conta da força do desenvolvimento do capital, que precisava de mão de obra barata e provocou o êxodo, tanto rural como das pequenas cidades, aproveitando-se da seca do nordeste...

Jogou essa população toda para as grandes cidades. A corrida do ouro foi outro processo histórico que trouxe muita aglomeração da população. Hoje permanecemos uma pequena população com uma imensidão de terra, e um amontoado de gente nas cidades. Está aí o desequilíbrio. Esse desequilíbrio tem nos levado a muitos problemas. Amontoa a população, uma parte tem trabalho, e outra grande parte está sem trabalho.

Nossa luta atual precisa curar essas duas chagas — a destruição dos povos originários e a escravidão, que empurrou o povo preto para as favelas — e precisa também reequilibrar as cidades. Por isso, a questão da luta pela terra, pelo território, é uma luta que diz respeito não apenas aos camponeses, mas a todos nós. Ao contrário dos que defendem que isso é coisa do passado, essa luta está na ordem do dia: curar essas duas chagas e reequilibrar a vida nas cidades, o que não é uma tarefa simples, fácil de fazer. É algo muito difícil.

Quem, na verdade, está provocando uma volta ao passado, e um passado muito ruim, são esses 10% da elite escravocrata que hoje faz propaganda na Rede Globo: *“o agro é pop, o agro é tudo”*. O agro-negócio toma as terras, usa máquinas, drones, com a monocultura e os agrotóxicos, acaba com tudo... Não é possível que tão poucas famílias sejam donas dos meios de comunicação; não é possível que tão poucas famílias sejam donas das terras do Brasil.

Hoje, com a quarta revolução tecnológica do capital — não do capital mas da humanidade, da qual o capital se apropriou —, não tem mais emprego. A universidade, tal como está, não vai ter sentido. A escola de base não tem sentido. Vamos perder todo o sentido do que nós temos que fazer. Porque o capital se apropriou da quarta revolução tecnológica. Agora, no canavial, não precisa mais de gente para trabalhar. Na indústria pesada, não precisa mais de gente. Com isso, a educação que botaram aqui para formar capataz, para formar mão-de-obra barata, não vai mais ser necessária. As universidades, a maioria das universidades vinha de um processo muito forte,

pesquisas importantes. Já se pesquisou sobre tudo aqui no Brasil, já temos tudo na mão.

O capital transnacional não precisa de nós. Na área da mineração, o solo brasileiro já está todo mapeado e todas as grandes transnacionais sabem onde tem ouro, onde tem prata, onde tem minério, onde tem o minério mais importante. Por que a bola da vez agora são os povos originários da Amazônia? Porque muitos destes povos estão em cima de terra com matéria-prima, com minério que se usa para fazer chip de computador.

Agora: a luta dos índios sozinhos não vale muita coisa, a luta dos quilombolas sozinhos não vale muita coisa, a luta dos professores, dos alunos que querem estudar, sozinhos, não vale muita coisa... É hora de nos juntarmos, todos os povos, para buscar outra perspectiva de vida e de humanidade. Há essa possibilidade concreta. Tem trabalho para todo mundo, tem dignidade para todo mundo e tem riqueza para todo mundo, se a gente assumir essa responsabilidade.

Vocês conhecem bem a Mata Atlântica, não conhecem? Dela sobrou um pouquinho só. A Mata Atlântica tem trilhões de dólares, trilhões de dólares ali dentro: fungos, cosméticos, alimentos. Agora mesmo nós estamos lá no nosso assentamento abrigando uma pesquisa de doutorado sobre plantas alimentícias não-convencionais. Estamos levantando uma fábula de possibilidades que temos lá. É esse o diálogo que precisamos fazer.

No seio da floresta

A sociedade ocidental foi educada como ser supremo, não é? Se dá ao direito de destruir tudo, acabar com tudo, não cuidar de nada. "Ah, depois resolve". O capital faz a gente pensar assim. Mas isso aqui é um ser. Isso aqui é um ser, tem vida... Nós não aprendemos isso. Achamos que isso é qualquer coisa, sem sentido algum. Para as comunidades indígenas, comunidades originárias, isso aqui é vida. Para um nordestino, isso aqui é vida, não é qualquer coisa, é vida.

Exige cuidado. Eles pegam as melhores espigas de milho, selecionam, organizam, guardam com cuidado, com cinza, misturam com outras coisas e guardam, com cuidado; passam necessidade, mas não comem a semente. Porque eles sabem que se comer, quando vier a chuva e for plantar, não tem aquela semente guardada e a comunidade inteira morre de fome. Por isso, é todo um cuidado, todo um ritual.

Com a floresta, é a mesma coisa. A sociedade ocidental não entende que a floresta é um ser cheio de vida, vida em abundância, em diversidade. Há uma harmonia aí, um diálogo profundo entre os seres. Dialogar nesse caso significaria entrar no seio da floresta e perceber sua importância: o papel da floresta, o que ela traz de benefício, o que ela pode melhorar em nossa vida, em nossas relações. Precisamos entender que somos parte, não proprietários da floresta. Somos parte. Se ela acabar, nós também acabamos. Se ela viver, nós viveremos fortemente. A mãe terra é coisa sagrada. É mãe, como é que você bota fogo na sua mãe? Como é que você bota veneno na sua mãe? Como é que você destrói a sua mãe?

Dentro da floresta está tudo o que nós precisamos. A cura para o câncer, a cura para a diabetes, a cura para tudo quanto é doença. Os melhores perfumes para gente se beijar, se cheirar, que é bom, não é não? Na Mata Atlântica, tem milhões de fungos. Pode ser fungo benéfico ou não, mas ele tem um sentido de estar ali. Temos que compreender isso, pedir licença à mãe, à mãe terra, à floresta para usar o que ela oferece, ela é generosa. A gente não é muito generoso, mas ela é generosa. Estava vendo esses dias, uma instituição chamada CEPLAC (Comissão Executiva da Lavoura Cacaueira): a quantidade de estudos sobre fungos que eles têm guardados. Mas não passam para ninguém, é uma coisa triste. Tem fungo lá que o quilo é uma fortuna, das melhores espécies. Na nossa floresta, pode produzir quase tudo, tudo ali, mas nós não damos valor. Chegam os caras, destroem tudo e nós não dizemos nada. As universidades americanas vêm aqui, carregam tudo quanto é biodiversidade. Na Amazônia do

mesmo jeito. E nossas universidades também, muitas vezes, fazem pesquisa para entregar a eles, não é? Muito poucas pesquisas são feitas para repassar o conhecimento ao nosso povo.

Sementes crioulas

Retomando: a terra, o território. Os modos de existência na terra. Descolonizar a terra, que está dominada pelas grandes transnacionais. O agronegócio serve às transnacionais: a Cargill, a Bunge, a Nestlé... São grandes corporações que dominam o agronegócio do Brasil. Junto à descolonização da terra e do território, temos que descolonizar nosso pensamento, nossa alma. Cuidar, portanto, da existência: para viver na terra e no território, quais alimentos nós precisamos recuperar? Como os povos originários vivem, como é a relação deles com a natureza, o que retiravam da natureza, sem deixar de preservá-la? Ou seja, isso significa construir nossa soberania alimentar. Vimos que a soberania alimentar passa pelo controle das sementes. A Monsanto hoje controla o processo de produção e comercialização de sementes a partir do que eles chamam de pacote tecnológico. A Monsanto, vocês sabem, produz uma semente, chamada *Terminator*, que não germina mais. E quando germina, não dá. Nós não conseguimos reproduzir a semente, a não ser comprando o pacote tecnológico, que precisa ser constantemente renovado. A Monsanto se apropriou das sementes, a Bayer domina os venenos e os remédios. Dez empresas dominam o mercado de alimentos. Estão aí, envenenando a terra, envenenando a gente. É um círculo fechado. Como vamos sair disso? Recuperando as nossas sementes. As sementes crioulas, as sementes tradicionais. É semelhante ao processo do vinil, em relação à tecnologia do CD. Jogamos fora nossos vinis, achando que aquela tecnologia tinha terminado e, então, o vinil volta. O mesmo acontece com as sementes: eu tenho um milho, que o pessoal que estava plantando com transgênico está percebendo que esse milho é muito melhor para o processo produtivo.

É um milho de altura grandiosa, espiga muito boa, com muita massa. Então, nosso milho, que havia se tornado algo “ruim”, volta de novo como uma coisa boa, valiosa. Nós precisamos entender esse processo da tecnologia, da ciência, que, em um primeiro momento, inviabiliza determinadas coisas e, depois, essas coisas voltam a ser novas. Produzir, guardar, garantir as nossas sementes hoje é revolucionário. Isso já existe porque a maioria dos agricultores verdadeiros não abandonaram essa busca e esse cuidado com a semente. Aqui em Minas Gerais mesmo, há imensos e ricos bancos de semente, que os povos vêm guardando. Porque sabem que ali está sua sobrevivência.

Ao fazer a transição agroecológica, começamos a entender que, além de nos voltarmos para a terra, para o território, teríamos que nos voltar para as sementes. Quando vimos, nós tínhamos uma variedade de mais de trezentas sementes... mais de 300 tipos de alimento. Podem contar nos dedos, dez a quinze tipos nos alimentam hoje. Está tudo dominado: desde a semente aos processos agroindustriais.

Quando você vai mais além, vai ver a mandioca... Quantos produtos hoje são à base de mandioca? Quem foi que domesticou a mandioca? Os povos indígenas. Mais uma vez, precisa beber na fonte dos nossos antepassados. Como é que eles tiveram essa capacidade! Foi uma pesquisa extraordinária para transformar uma rama venenosa em um produto belíssimo. Até para furar os poços profundos do petróleo, do pré-sal, precisa da mandioca. Como é que eles fizeram isso e hoje a gente não valoriza?

E precisa somar aí o saber das universidades. Tenho certeza de que, em várias universidades, há coisas importantes guardadas que nós precisamos compartilhar. Precisamos fazer com que a Biologia, o conhecimento da Biologia, não vá para as mãos das transnacionais, mas volte. E, junto, retomar os conhecimentos ancestrais que estão aí, quase se perdendo, com os anciãos em situação difícil.

Aqui mesmo em Minas Gerais tem um povo muito sábio, com uma história de resistência tremenda, os Maxakali, povo que não se rende. Como é essa força? De onde vem essa força? Com tanta perseguição, com tanto ódio a esse povo, com tanta destruição, esse povo está vivo, resistindo e garantindo sua cultura, sem perder a língua. Isso é uma coisa espetacular. E aí quando você olha também para o povo preto, são inúmeros exemplos. Por que nós cultuamos os Orixás? Por que nós cultuamos outras crenças? Porque isso foi fortalecido e nos fortalece, de algum modo.

O processo das sementes é revolucionário: simples e difícil ao mesmo tempo. Hoje, principalmente o milho, que é fácil polinizar com muita abelha e vento. Mas é muito difícil manter os lugares reservados. Esse é o trabalho que a gente vem fazendo, um trabalho recompensador. Esse milho aqui,³ vai fazer onze anos agora que estamos com ele lá na Bahia. Cultivando, plantando e repassando aos povos indígenas. Ah, o pessoal que não tem, quando pega essa semente... é um chip de computador.

O povo nordestino tem uma resistência grande, graças também às sementes. Um filho pode morrer de fome, mas ele não come a semente. Sabe que ali é a vida deles, é a vida das futuras gerações. Eles não acabam com a semente. Resistem à seca, e não comem a semente. Tem toda uma tradição, tem muita cultura nisso. Por isso, ao mesmo tempo que é fácil plantar e ter, é difícil cultivar, cuidar; não é fácil manter uma semente dessa. Mas, ao mesmo tempo, é simples, basta nos organizar. A simplicidade está aí.

Essa questão da semente está ligada ao tema mais amplo dos alimentos. Como disse, as empresas transnacionais já fizeram tudo: controlam a semente, controlam o paladar, controlam a doença pelo remédio. Dão veneno, a gente adocece, eles vendem o remédio. Quem faz isso? Agora a *Bayer* comprou a *Monsanto*. Não tem outra saída.

3 [N.e.]: Joelson mostra, nesse momento, a garrafa com as sementes de milho crioulas produzidas no Assentamento.

Se a humanidade continuar na perspectiva da sociedade americana, será preciso quatro planetas Terra. E nós só temos um. Noventa por cento da população vai ser liquidada. E quem está em risco não são apenas os povos originários, não são só os quilombolas, é a humanidade. Noventa por cento da população mundial, porque quem tem dinheiro é apenas 10%. Nós estamos em risco, em risco profundo.

Cacau “cabruca”, chocolate rebelde

A produção de cacau foi outro passo importantíssimo no caminho da transição agroecológica. Em 2000, nós estávamos quebrados, não tinha nada para fazer e o pessoal não queria mais o cacau por causa da vassoura-de-bruxa... Estava uma confusão, um desânimo muito grande.

O MST começou a discutir a agroecologia, a agricultura orgânica, mas ficou muito na discussão, no processo de debate, e passou a fazer grandes enfrentamentos com o agronegócio. Na minha lógica, fomos derrotados porque partimos pra cima sem uma outra base nossa, para mostrar o contraditório. Eu já fiz parte da direção nacional do MST, já fui da coordenação nacional, já estive em todos os espaços do MST em nível nacional. Nós começamos a entender que era preciso fazer a luta, dar continuidade à luta. Nós sempre fomos a favor da luta pela terra e pelo território, mas achamos que era preciso apresentar alguma experiência bem-sucedida, uma experiência que tivesse dado certo.

Em 2000, volto para dentro do Assentamento e começo a fazer esse trabalho, mas ainda participando da direção nacional do MST. Há onze anos me exilei lá dentro do Assentamento. Saí de tudo e fui lá para dentro para implantar esse processo.

Este foi um processo muito doloroso, muito duro, porque não tivemos apoio dos governos, nem da sociedade. Para você ter ideia, são dezoito anos sem recurso, sem crédito. Foi algo feito na base da perseverança mesmo, e com esses pensamentos, tanto da Ana

Primavesi, como de Confúcio, que priorizam não o falar, mas o fazer, a prática. E o mostrar. Isso nos influenciou muito, nos ajudou muito. Há uns dois anos que a gente está começando a sair, falar, conversar. Mas foi um processo muito difícil, muito duro.

Primeiro, porque, quando a gente chegou, em 2000, entre os assentados, ninguém acreditava que era possível mudar nada. Como vencer o descrédito dentro de casa? Como contei pra vocês, nós começamos por uma horta. Depois, iniciamos um reflorestamento, e aí fomos evoluindo. Agora, nós já estamos propondo recuperar duzentos mil hectares de cacau e implantar duzentos mil hectares de sistemas agroflorestais, para, dentro de vinte e quatro anos, nos tornarmos bilionários. Mas nossa riqueza não é monetária. A nossa riqueza é outra, nós vamos ficar bilionários de outro jeito.

Nosso sistema de plantio é o “cabruca”, que vem do verbo cabrocar, e duma corruptela que diz: “ô Zé, ô Manoel, ô Francisco, vem cá abrir um buraco na mata pra plantar cacau. Ou, venha ralear a mata pra plantar cacau.” A mata é muito densa, então precisa abrir um buraco para entrar luz, para plantar o cacau. Mas, ao mesmo tempo, deixar as árvores grandes para proteger dos raios solares.

Nesse processo, tiveram duas participações importantes. Primeiro, os indígenas, principalmente os Tupinambá, que já dominavam essa técnica. E segundo, o povo preto, que trabalhou isso, que foram “cabruqueiros”. Meu pai mesmo foi um cabruqueiro. Com doze anos ele já estava dentro da mata, raleando mata, derrubando algumas árvores pra plantar cacau. Então, esse é o maior sistema, tem mais de trezentos anos. É uma cultura extraordinária, mas morreu muita gente. Depois que o cara plantava, fazia um buraco na mata, raleava a mata, plantava o cacau. Com quatro anos, o coronel vinha lá e dizia: “José, Manuel, você tá com uma roça muito bonita, mas você pode plantar mais. Agora, aqui, aqui tá bom. E você me vende essa aqui, e a mata tá aí pra você fazer mais.” Se o cara falasse assim: “eu não vendo o meu cacau não. Trabalhei tanto, agora eu vou começar a colher...” Ah, podia esperar que ia morrer. Ou então, o cara plantava o cacau.

Quando o cacau estava brotando, ele vinha acertar as contas com o coronel e quando chegava na venda do coronel, devia mais do que a roça valia. Ai, se reclamasse, morria. Foi a época em que mais se matou gente lá. Esse sistema, antes de quebrar, empregava mais de duzentos e cinquenta mil trabalhadores. Mas 70% da população era de analfabetos. Era um sistema semi-escravo, em três “f”s: feijão, farinha e fato. Essa era a alimentação: feijão, farinha e fato. Fato são as tripas, as vísceras da vaca.⁴

Hoje, para nós, o sistema cabruca é extraordinário porque preserva a Mata Atlântica. Tem várias espécies ali: nós temos várias matrizeiras, coletamos muitas sementes da Mata Atlântica. Há várias matrizeiras lá dentro, marcadas, cuidadas. É um ambiente extraordinário e produtivo ao mesmo tempo.

Essa vai ser a estratégia do nosso futuro, na região. Veja: noventa e dois municípios, um bilhão em impostos que isso vai gerar. Cento e vinte mil empregos para trinta e duas mil famílias, duzentas espécies de animais preservados, educação, ciência e tecnologia. Um investimento de oito bilhões, trinta e seis milhões de mudas que nós vamos plantar. Fortalecimento da vida no campo, em busca do bem viver. Cinquenta e cinco espécies de plantas e aves que nós vamos preservar. A valorização da cultura e da identidade territorial. E os sistemas agroflorestais podem se expandir pelo Brasil inteiro.

Agora: tem um pessoal confundindo Sistema Agroflorestal (SAF) com consórcio. O que nós estamos propondo é um SAF, um sistema que vai valorizar vários sistemas de vida que estão lá dentro, plantar espécies que podem se tornar ativo econômico. Madeira, por exemplo, pode se tornar também um ativo econômico. No Assentamento,

4 [N.e.] Solange Brito comenta: “Fatada, as vísceras da vaca. Bem lavadinha, bem escaldadinha, faz uma boa fatada. É um prato típico do povo preto quando era escravizado. Tudo que era resto jogava para a senzala, não é?! Então eles começaram a incrementar esse prato, e aí acabou sendo um prato conhecido mundialmente. A fatada. Mas é muito utilizado na Bahia. O pessoal da Bahia gosta muito de fatada. Pé de porco. São resquícios do processo de escravização.

somos os maiores plantadores de Pau-brasil. Então, podemos fazer uma poupança para o filho, para o neto. Se plantamos mil pés de Pau-brasil, com trinta anos, ele pode cortar trezentos. E, com isso, perpetuar o Pau-brasil, o Jacarandá...

Começamos a transição agroecológica com uma horta e chegamos ao cacau cabruca. Nós triplicamos a produção de cacau, o que significa: voltamos a ficar ricos. Mas, aí, estávamos comprando tudo fora do Assentamento. Fomos discutir: como é que nós vamos existir só como vendedores de cacau? Aí fizemos uma leitura: os latifúndios, os fazendeiros, os coronéis, todos quebraram por isso. Precisamos diversificar, fazer mais do nosso jeito. Aí começamos a cuidar também da soberania alimentar, que é a própria existência. Como existir num local, numa terra, para sobreviver tranquilo? O cacau e o chocolate vão ser para nós renda ou poupança. O cacau é mais um ponto de partida, não é tudo. E nisso, nós estamos indo para a cidade trocar alimento. Agora, nós já estamos invertendo, nós estamos vendendo, todos os dias, alimentos fresquinhos na cidade e até por whatsApp, fazendo cesta...

Hoje nós somos certificados pelo Instituto de Biociências (IBB), temos a certificação participativa pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Temos agora uma certificação internacional e estamos terminando esse processo internacional para a venda de produtos nossos em outros países.

Como marca nossa, estamos produzindo chocolate, com base em uma ideia do Exército Zapatista, no México: esse é um chocolate rebelde pra gente dialogar com a sociedade. Além de ser um chocolate, ele tem um conceito, tem uma história. Traz ainda essa possibilidade da rebeldia. O chocolate é produzido para financiar nossa luta, para não termos que pedir esmola a ninguém. Pedindo esmola para o opressor, não tem como avançar na luta. Nós precisamos construir uma economia nossa, capaz de financiar o processo de luta. Esse chocolate é todo selecionado, quebrado no mesmo dia, botado para

fermentar, passa de sete a oito dias fermentando e, depois, mais sete a oito dias secando. Seco, nós fazemos o chocolate.⁵

E agora iniciamos a escola de chocolataria, para formar pessoal para que, daqui a uns três ou quatro anos, possamos ter uma fábrica de chocolate, que é para vender para todos os mineiros e todas as mineiras, e para quem mais quiser. Vão poder comprar um bom chocolate e um bom Nibs de cacau.

Outra questão é a discussão de gênero. Nós descobrimos que não adianta ficar falando de gênero, querendo ter igualdade, se a mulher não participar do processo produtivo. Ela não vai ter a independência, não vai ter a emancipação necessária. Então é preciso que ela se inclua no processo produtivo, se torne uma pessoa produtiva e tenha o dinheiro no bolso. Assim, ela não vai aceitar desaforo de ninguém e a cozinha não será necessariamente o seu destino final. É outra discussão dentro de casa, é outro processo. Como se diz, os “bicho velho” vão ter que entender, se não estão fora, ela manda embora. O processo é outro.

Quatro grandes escolas

A escola para nós tem sido um ponto muito importante. Lutamos pela escola. Primeiro a escola fundamental, depois começamos com a escola de 2º grau, ou ensino profissionalizante. Isso foi uma promessa feita em 1993: depois de cinco despejos, nós voltamos pela sexta vez, ocupamos, reocupamos, e no dia de Natal, na transição de vinte e quatro pra vinte e cinco, meia noite, nós fomos para o palanque, fizemos palanque para falar a uma multidão, vinte e oito famílias deserdadas de tudo, sem nenhuma perspectiva de nada. Vamos conquistar a terra e, quando conquistar a terra, vamos construir a escola

5 [N.e.] Joelson se refere ao chocolate orgânico Terra Vista, produzido pelos jovens do Assentamento. <https://www.instagram.com/chocolateterravista/>

para os nossos filhos se tornarem doutores, e nunca mais passar por essa situação em que estávamos.

Nós tínhamos serpente... Uma *pico-de-jaca* e uma *olho de gato*, mamão verde e banana verde: era essa nossa comida na ceia. E uma cachaça. Não era mineira: a cachaça era tão boa que pra gente tomar uma dose precisava espremer cinco limões [risos].

A nossa educação ainda é cartesiana, ainda é problemática. Nós estamos nos esforçando para mudar isso, nós da Teia dos Povos. Entendemos que a criança tem que ser educada desde a barriga da mãe, no pré-natal. Pegar a criança a partir de um ano e ir para o terreiro lúdico, onde as crianças vão aprender brincando. Aprender brincando com a floresta, aprender brincando nos espaços que tem; não é o prédio, nem as quatro paredes da sala que é a escola. Com dez anos, a criança vai para as oficinas. Se gostou da oficina que ela escolheu, fica ali. Se não quiser, vai para outra. Mas tudo se transforma em oficina. Um pedaço de floresta é uma oficina. O solo é oficina. Robótica é outra oficina. Se o menino quer aprender a ir pra lua, a ir para outro espaço, vai aprender a fazer foguete, vai desenhar o foguete...

É preciso construir outras pedagogias, outra escola. Ela não se restringe às quatro paredes, nem ao conteúdo. Ela tem que ter o mínimo de conteúdo possível, porque já tem muita coisa explicada, mas pouca coisa praticada. Essa nova pedagogia deve dialogar com o concreto, dialogar com os fazeres dos povos.

Na Teia dos Povos, estamos trabalhando para construir *Quatro Grandes Escolas*. A Escola do Arco, da Flecha e do Maracá, que é a escola dos povos originários, para discutir os conhecimentos ancestrais dos ameríndios, mostrar e divulgar esse conhecimento baseado na oralidade. A Escola dos Terreiros e dos Tambores, dos povos originários que vieram da África, que ficaram sem terra, sem nada, e que hoje estão nas periferias das cidades, estão nos quilombos que restam. É um conteúdo, um conhecimento que parte da cosmovisão africana e que precisamos difundir. Não vamos permitir, em pleno

século XXI, com tanta comunicação, que esses conhecimentos fiquem fora dos livros didáticos, fora dos grandes ciclos do conhecimento e discussão em ciência e tecnologia. A Escola das Águas e das Marés, dos povos ribeirinhos, que têm uma relação com o mar, a água doce, as marisqueiras. Precisamos escrever e difundir essa pedagogia para dar visibilidade a esses fazeres, para que as pessoas comecem a se dar conta da importância da água, dos alimentos que vêm da água. E a Escola dos Biomas Locais. Nós estamos construindo, no Assentamento, a Escola do Cacau, do Chocolate e da Floresta, que atende aquele espaço do bioma da Mata Atlântica, na região do cacau, que vai do Recôncavo Bahiano ao Mucuri. Essa pedagogia também precisa ser escrita, para que a gente valorize os biomas, para que sejam preservados, assim como os povos que vivem ali. Isso que estamos propondo não significa construir mais escolas, não se trata de construir prédios. Não é isso. Nós queremos reformular e transmitir esses conhecimentos para que as próximas gerações comecem a entender sua importância. E, ao mesmo tempo, podemos ajudar nos livros didáticos, na formação das escolas que já existem, para que as pessoas possam se ver pertencentes àquele local, comecem a se valorizar e a valorizar o local. Isso é fundamental para que as pessoas permaneçam ali. Não é preciso fazer o que o Brasil fez, essa grande migração para os centros urbanos.

Qual é o problema? Nós ainda não temos autonomia para esse processo, e não temos ainda educadores preparados com essa visão de conjunção. Então, estamos fazendo o trabalho de construção, para ter um pouco de independência. Nossa missão é, daqui a um tempo, contar com essa escola, que parte do terreiro lúdico e vai até o ensino superior. Dentro da nossa casa, dentro de nossa aldeia, para que a gente possa aí ter uma formação. Quando o menino ou a menina tiverem que sair, sai para o mestrado ou doutorado. Quando for para o mestrado, doutorado, se o jovem quiser ir embora, vá, mas leva dentro dele a nossa aldeia, leva dentro dele nosso assentamento. Pode voltar e pode não voltar, mas onde ele estiver, permanece

ligado ao lugar de onde veio. É um trabalho bem mais fácil do que deslocar tanta gente para longe, para as universidades, para a formação básica...

Outra economia

Todo processo que narrei aqui está sendo construído, não está dado ainda. O Terra Vista, hoje, se tornou uma pequena referência. Nós sabemos que não vamos mudar nada. Somos apenas uma possibilidade, uma referência. Ou seja, nós estamos dizendo: é possível a gente mudar as coisas quando a gente quer mudar. Nós temos consciência de que é preciso unificar outros povos para alcançar isso. Nós entendemos que é preciso construir uma cultura de existência, e também avançar no processo produtivo para constituir renda. Ou seja, automaticamente nós vamos produzir algumas mercadorias, o que não é problema. Nós vamos fazer algumas trocas e tentar, nesse processo, a construção do bem-viver. É uma relação que estamos buscando.

Estamos trabalhando também para dialogar com a sociedade. Todos os nossos produtos são uma maneira de dialogar com a sociedade. Para o pessoal entender que é preciso ter vida no campo, que é preciso proteger a floresta, que é preciso buscar um consumo consciente. Se não fortalecer o campo, se acabar com o campo, nós também vamos acabar. Vamos discutir que é preciso equilibrar as cidades. É uma invenção maravilhosa, quem não quer morar na cidade? Mas nós temos que entender que há um grupo de pessoas que tem inclusive pertencimento a isso. Ele precisa morar no campo, inclusive para sustentar as cidades. Mas essa relação tem que ser uma relação consciente e uma relação de compromisso, não é? De compromisso. Quem morar na cidade vai entender a necessidade de um campo fértil, um campo preservado, bem cuidado, e a gente tem que se alimentar desses produtos e pagar por isso. Nós temos que ter a consciência de fazer um produto cada vez melhor, com mais

cuidado, para chegar na mão do consumidor e o consumidor saber que está comendo um produto de verdade. Está se alimentando, não se envenenando. O consumidor tem que ir lá de vez em quando conversar com o pessoal que está produzindo, para criar laço de confiança. Então, é um longo processo.

Não é um processo só dos camponeses que, você pode ter certeza, não têm condições de, sozinhos, enfrentar a força do agronegócio, que conta com alto financiamento dos bancos oficiais. É preciso estabelecer um diálogo com a sociedade, consciente que está nesse processo, para construir uma vida grandiosa no campo. E o povo do campo deve saber que precisa ter uma relação intrinsecamente forte com a natureza, com a preservação do meio ambiente, com a produção de água. Água e ar para a gente ter um processo grandioso. Nós temos que entender também que podemos produzir os melhores perfumes, os melhores cosméticos. Temos uma vasta riqueza ali que nós podemos tirar e trocar, fazer escambos, desde que não sejam atividades predatórias. Construir uma vida harmoniosa na cidade e uma vida harmoniosa no campo. Isso é possível, não é ilusão.

Eu venho falando com o MST: internacionalmente, nós podemos dialogar com vinte e um países, a partir da questão do cacau, do chocolate: Colômbia, Venezuela, Cuba, Bolívia... Há vinte e um países da América do Sul e da América Central que produzem cacau. É uma *commoditie* trilionária. Quem comanda é o serviço secreto inglês, o serviço secreto americano, para entregar a Suíça, França, para outros países fazerem os melhores chocolate do mundo. Nós não fabricamos nem comemos o chocolate. Agora que estamos começando. Isso tem um potencial enorme. Só no Brasil, parece que o país é o terceiro ou quarto consumidor de chocolate no mundo. Mas está todo mundo consumindo ração, não é chocolate. Ração da Nestlé, com gordura hidrogenada, com todo tipo de veneno lá dentro. O cacau, você não sabe a origem. Então esse já é um tema que pode gerar diálogo com estes vinte e um países. Depois, podemos juntar

a África, para a gente dar um banho nesses caras. E aí dizer: esse aqui é nosso, o produto é nosso e o mercado é nosso. Para vocês terem uma ideia, quem produz e vende a amêndoa de cacau fica com 3 a 6%. Quem produz e vende o chocolate, fica com 94%. É desleal isso, não é?

Nós temos uma falsa discussão, tanto dentro da academia, como fora, na sociedade, de que é preciso ter produtividade, alta produtividade. Que é para garantir comida para todo mundo. Por isso seria preciso máquinas, seria preciso veneno, tudo isso que está aí. A academia forma agrônomo para vender veneno e mais nada. Vendedora de veneno, causadores de envenenamento. Isso é o que chamam de pacote tecnológico. Nessa perspectiva, está tudo dominado, mas nós estamos provando que é possível, nessa rocha tão dura, abrir uma brecha e pocar ela no meio. Mas, para isso, os povos originários, quilombolas, sem-terra, pequenos agricultores, nós precisamos elevar a consciência sobre esse papel nosso, essa possibilidade, e ainda dialogar com o setor urbano, com a sociedade urbana sobre essa possibilidade de fazer nossos escambos e construir algo juntos. O pessoal chama isso de *fair trade*, não é? Mercado justo. Esse palavreado é muito difícil, então nós precisamos começar a construir escambos, trocas justas, para que possamos permanecer no campo e oferecer alimentação saudável para cidade.

O capital nos fez máquinas. Nós precisamos desfazer essas máquinas que estão dentro de nós, produzir outro tempo. Através da agroecologia, construir outro tempo, que não é o tempo ocidental, não é o tempo do relógio. É o nosso tempo. O tempo das marés. O tempo dos Orixás, dos Encantados. Quando chega, ninguém pode marcar esse tempo. Mas nós temos que respeitá-lo. O tempo da fala, dos povos que não tiveram fala, que perderam a fala. Só eles podem determinar o tempo em que vão falar, os anciãos, que têm coisas boas para transmitir. Estamos trabalhando para isso, pode demorar cem anos, mil anos, mas nós vamos chegar lá.

Caderno de Leituras n. 111
Série Políticas da terra
Terra Vista, Terra-Mãe:
Existência grandiosa no campo
Joelson Ferreira de Oliveira

Coordenação editorial
André Brasil, César Guimarães
e Maria Carolina Fenati

Coordenação de arte
Luísa Rabello

Transcrição da aula
Guilherme Brant Drumond

Edição do texto
André Brasil, César Guimarães
e Maria Carolina Fenati

Revisão
Clara Delgado

Composto em Acumin Pro

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, agosto de 2020
Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em www.chaodafeira.com

Projeto Caderno de Leituras, nº 0699, aprovado no Edital 2017
oriundo da Política de Fomento à Cultura Municipal (Lei nº 11.010/2016).

Realização

unibh